

15 DE OUTUBRO



MESA I

A CRIAÇÃO DA SUDENE

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Esta é uma sessão nostalgia. Vejo aqui, diante de mim, companheiros como Juarez Faria, José Maria Aragão, parte da armada de Brancalione que o Celso encarapitou no último andar do edifício Tereza Cristina, Cavaleiro Andante, para combater os moinhos de ventos satânicos do latifúndio, da miséria e da opressão. Ninguém acreditaria que naquele edifício ainda desocupado do Recife, no fim dos anos 1950, havia 20 malucos, liderados por um maluco ainda maior, tentando mudar uma velha estrutura de 400 anos.

Cinquenta anos depois, poderíamos estar aqui comemorando uma vitória, mas esta é a comemoração de uma derrota. Porque a região, apesar de alguns progressos, continua submetendo a maior parte de sua população à miséria, à opressão, à vida sem sentido. Celso poderia ter sido o Juan Rulfo da literatura brasileira, aquele novelista mexicano sem par que resumiu a tragédia do camponês mexicano na solidão de almas penadas, vagando em torno de sua própria existência. Ele preferiu os caminhos racionais, como weberiano que era.

Quem diria! Arremeteu contra os moinhos de vento, o que lhe custou, depois, dez anos de cassação de direitos políticos. Não foi uma invenção de Furtado, já que estamos falando da criação da Sudene. Embora seja dos intelectuais brasileiros aquele que mais se parece com a imagem grega de Minerva, na verdade, uma longa luta social acumulava-se aqui, provocando tensão nas velhas estruturas: o Congresso de Salvação do Nordeste, por volta de 1954, depois a primeira Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que fez 50 anos três anos atrás, cuja figura ímpar já era Helder Câmara, embora fosse bispo

auxiliar do Rio de Janeiro. O próprio Banco do Nordeste é uma criação varguista ousada, mas rebaixada pelo coronelismo “pessedista” do Ceará. Havia várias tentativas.

Por que o ovo não saia da galinha? Porque a criação da Sudene não está no Nordeste. A criação da Sudene, como ato perfeitamente jurídico e como criação institucional, é daqui. Mas, ela só pôde ocorrer porque as tensões no capitalismo do Sudeste se aguçavam a um ponto que fazia do Nordeste, como diria Lênin, um autor em desuso, o “elo mais fraco da cadeia”. Foi a industrialização acelerada do Centro-Sul (expressão que Celso cunhou para designar aquela região), compreendendo Rio, São Paulo e Minas, e um pouco se estendendo até o Paraná, aquela promessa “kubitschekiana”, que parecia completamente aloprada, de “50 anos em cinco”, que efetivamente se realizou e destampou a caixa de pandora. E o Nordeste recebeu esse impacto negativo nas várias formas em que a literatura assinala.

Aliás, devemos agradecer a Amélia Cohn por ser a primeira acadêmica do Sudeste a tratar da questão regional. Uma das pesadas heranças do Brasil é que São Paulo é hegemônico, e é uma hegemonia inconclusa e uma hegemonia sem reflexão. A Amélia Cohn ousou, quando o tema regional não tocava nem as mentes nem os corações dos acadêmicos e pesquisadores ao sul da Bahia.

Então, foi um conjunto de circunstâncias que, como diria Gabriel Garcia Marquez, “são irrepetíveis para sempre”. Não adiantam novos esforços. Essa Pasárgada já morreu! É preciso enfrentar a questão do Nordeste de outro ângulo. Não se trata mais de integração à economia brasileira. Ela já é perfeitamente integrada. Não se trata mais de incentivos fiscais, e esse é um mecanismo que foi usado “a torto e a direito”, perdendo sua eficácia e transformando-se apenas num valhacouto de ladrões do erário público. Se trata de quê, agora? Trata-se daquilo que ficou devendo. Trata-se da questão social. E não só no Nordeste, mas em todo o Brasil, porque a gente reivindica o galardão horroroso das cidades, região mais miserável do Brasil. Mas não é mais verdade. A nova miséria está em São Paulo nas favelas Heliópolis e Paraisópolis, que pela ironia popular têm os nomes mais gloriosos. Paraisópolis é realmente um paraíso. Paraíso do tráfico da droga e da bandidagem. Heliópolis, como o nome já diz, é a cidade do sol. Ali é a cidade da sombra.

A miséria maior hoje é urbana. E é nesse contexto que a questão do Nordeste deve ser enfrentada, senão ela não terá resolução. Não resgatemos agora essa celebração para de novo encher as burras da dilapidação dos recursos públicos,

da depredação do Estado brasileiro! É preciso recuperar essa história. É preciso dar-lhe uma nova orientação. Celso veio e combateu a política hidráulica, a política das secas; com uma certa injustiça, pois o DNOCS não era um valhacouto de ladrões. Na sua parte melhor, o DNOCS empreendeu o maior esforço científico, digamos com todas as palavras, para conhecer essa região. E tinha homens públicos da maior grandeza. A parte ruim estava na parte das obras públicas. Eu conheci um político potiguar que morava no Rio e fazia um açude que não terminava nunca. A água terminava, mas o açude... nunca! Qual era o sinal de nobreza desse ladrão? O sinal de nobreza dele, à moda dos gângsteres de Chicago, era que nenhum visitante que ia à casa dele era recebido com uma garrafa de uísque já aberta. Para cada visitante ele abria uma nova garrafa de uísque! À custa do açude que se financiava no Rio Grande do Norte.

Celso combateu essa visão – e daí a originalidade de suas proposições – e engatou o Nordeste na corrente dinâmica da economia brasileira, que se transformava na região que ele chamou de Centro-Sul. Deu certo? Parcialmente deu certo. O Nordeste, de exportador de capitais se tornou importador de capitais. E nos anos de auge, para cá vieram as principais empresas do Brasil e até algumas estrangeiras. Mas, deu certo? Não, não deu certo. É um fiasco irreparável! Primeiro porque – pelas suas próprias análises nesse livro clássico, *Formação econômica do Brasil*, cujos 50 anos também estamos comemorando – o caminho da perversão já estava apontado. O desenvolvimento se faria com uma enorme concentração de renda. Portanto, aqui a reprodução do modelo geraria os mesmos efeitos.

Comemorávamos naqueles anos os projetos que ousavam transpor a fronteira. Lembro-me bem das discussões havidas. A gente discutia o “sexo dos anjos”. A Brahma candidatou-se a um projeto no Nordeste. Então discutíamos se nós deveríamos incentivar o nordestino a beber Brahma ou a não beber Brahma. Chegaram os Piratas do Caribe. Discutiu-se dias e quase meses a fio se os incentivos deveriam ser dados ou não ao Rum Bacardi. Onde está o Rum Bacardi agora? Aspiraram o erário público, multiplicaram-se e foram embora. Por aí não vai dar mais certo. Deixemos de saudades ruins! Faz alguns anos que eu vim aqui, num evento como este, e o Nordeste chorava por dom Sebastião, que se foi em 2004. Agora é preciso não chorar mais por dom Sebastião. Agora é preciso fazer e travar a batalha que ele não travou. Ao contrário da maioria dos nordestinos que estão aqui – que todos somos autonomistas, todos reivindicávamos a independência do Nordeste em relação ao Brasil –, Celso

nunca entrou nesse engano. Ele dizia, tal como Luiz Felipe de Alencastro – que está aqui e pode nos confirmar –, que a grande façanha brasileira tinha sido preservar uma unidade nacional desse porte e desse tamanho que nos viabilizaria para o futuro. De modo que nunca houve nenhum projeto autonomista patrocinado pelo nosso patrono. O seu projeto era integrar.

As circunstâncias políticas naquela conjuntura já foram muito debatidas. Sabemos que houve de um lado as forças do latifúndio e do outro as forças que queriam engatar na nova dinâmica nacional. Dois anos depois, estavam todos do mesmo lado, e só o “cavaleiro andante com seu Rocinante” – e o “Rocinante” éramos nós, eu, José Maria Aragão, Juarez Farias – montava em cima da gente, tocava o burro, para fazer as tarefas necessárias. Ficaram ele e seus “Rocinantes”, e do outro lado a perdulária burguesia nordestina, a feroz classe de latifundiários. Eu vi isso no dia do golpe de 1964, quando entrei com Celso Furtado no gabinete do general Justino Alves Bastos. À entrada do seu gabinete havia um “corredor polonês”, certos de que veriam Celso e o seu “Sancho Pança” saírem de lá algemados. Era toda a canalha pernambucana, classe perdulária e destrutiva que perdeu o bonde da história e ainda não sabe! Nas colunas sociais riem como cretinos! Estavam todos eles lá para aplaudir a nossa prisão.

Nós saímos de lá ainda soltos. Eu, três dias depois, conheci as prisões do Estado Novo brasileiro que ainda persistiam no Brasil. Estavam todos do lado de lá. E houve um fato que a literatura nunca colocou em evidência, talvez nem na ex-União Soviética isso tenha acontecido. Aqui, houve um comício na Praça da Independência em que a população pedia o Plano Diretor da Sudene! Parece só um detalhe, mas era um verdadeiro clamor popular dando força a essa instituição. Nesse clamor popular, Cid Sampaio, que então era o governador, saiu debaixo de vaia! Mas veio o “velho Nordeste” e garantiu Cid Sampaio. Foi o “alagoano da metralhadora” quem conseguiu tirar Cid do comício, senão ele seria massacrado. Foi Tenório Cavalcanti com sua capa preta e sua “lurdinha” debaixo da capa preta. Isso é uma coisa fantástica! Jamais houve na história, pelo menos conhecida, uma mobilização popular por um plano diretor. Circunstâncias, e uma conjuntura muito especial, criaram essa instituição. Elas são irrepetíveis!

O meu herói favorito, Karl Marx, disse que a história a primeira vez é uma tragédia, a segunda vez é uma farsa! Tudo mais que se fez depois são farsas, e a capacidade de ver o futuro como a que Celso tinha era algo quase inexplicável. Assis Chateaubriand disse dele uma vez, numa conferência na Escola de Engenharia, que ele era “o Antônio Conselheiro de fraque”. Algo nisso era

verdade. Ele previu. Todo mundo reclamava: “mas dr. Celso, a Sudene precisa construir sua sede”; e ele dizia, “toda vez que uma instituição começa a pensar na sua sede, ela começa a morrer”. Aqui, na Cidade Universitária, está o monumento do desastre! Quem o habita? Certamente alguns dos habitantes mais constantes desta cidade quente: moscas e muriçocas! Porque a paixão reformista fundada na capacidade weberiana da razão desapareceu dos seus corredores.

É preciso propor a nova questão do Nordeste de outra maneira. Não mais da velha maneira. A velha maneira fez água, e fez água no Brasil todo. Não comecemos o Bolsa-Família! O Bolsa-Família é um sinal de fiasco, é um sinal de desastre! Não é um sinal do resgate da dignidade do povo pobre. É o sinal de que todos os mecanismos, instrumentos e políticas do desenvolvimento capitalista nessa direção falharam miseravelmente! A perspectiva, portanto, tem de ser outra, ainda reformista. Ainda reformista porque, enquanto os de baixo aguentam a opressão dos de cima, revolução não se pode fazer. Só quando os de baixo não aguentarem mais a pressão dos que estão em cima é que o caminho das revoluções estará aberto. Lembrem-se da história: todo revolucionário começou como reformista. O tempo nos roubou dom Sebastião. Se ele tivesse os dons de Matusalém, certamente terminaria sendo um revolucionário.

A melhor comemoração que se pode fazer dos 50 anos desta instituição não é voltar simplesmente aos livros de Furtado. Os livros de Furtado são o ponto de partida, não mais o ponto de chegada. O ponto de chegada está para além das políticas desenvolvimentistas. O ponto de chegada estará numa poderosa vocação radical e reformista capaz de jogar para a lata do lixo a obscena desigualdade brasileira. O Nordeste nem é mais o seu emblema.

Aqui, quando Celso chegou, depois de uma longa ausência do Nordeste, ele me disse um dia: “Francisco, eu quero ver a miséria do Recife”. Não é um espetáculo agradável para quem já frequentou os Champs Élysées. Eu o levei para o Coque. O Coque era o emblema do desastre do Recife. O Coque até desapareceu, porque esse magríssimo, quase invisível, aquele que ninguém sabe o que pensa de coisa alguma, que foi vice-presidente da República por oito anos e vai passar pela história como sábio porque nunca falou nada, reformou a Avenida Agamenon Magalhães e o Coque desapareceu. O Coque está hoje em Paraisópolis e Heliópolis, no morro da Providência no Rio – quer dizer, a questão brasileira, hoje, é outra. É outra. É para além e não aquém. Não é para

voltar aos livros de Furtado e encontrar ali a solução. Não está mais ali.

Nós não podemos celebrar os 50 anos da Sudene e os 50 anos de *Formação econômica do Brasil* procedendo ao contrário do que Furtado fazia. Ele era o anti-homem cordial. Jamais, aqui nesta cidade acostumada aos salamaleques vagabundos dessa burguesia perdulária, ele compareceu a um evento desses “troca-troca” de amabilidades. O anti-homem cordial recusaria uma celebração nostálgica. Façamos honra à sua memória e a esse empreendimento “quixotesco” que naufragou na imensa “La Mancha” que é o Nordeste latifundiário! Sem isso, é melhor não voltar a comemorar nada. Desculpem a emoção. Não dá para falar. Muito obrigado.

WILSON CANO

FURTADO: A QUESTÃO REGIONAL E A AGRICULTURA ITINERANTE NO BRASIL¹

A temática dos desequilíbrios regionais no Brasil está presente em muitas das obras (publicadas ou não) de Celso Furtado, comumente associada à discussão do subdesenvolvimento econômico. Sua dimensão histórica abarca todo o período de nossa formação econômica, desde a colônia, e suas proposições de diagnóstico e formulação de políticas (de desenvolvimento regional) surgem a partir da década de 1950. Tal como o grupo cepalino precursor (em que teve importante participação), suas análises do subdesenvolvimento (associadas ou não à questão regional) partem do momento da maior inserção externa na grande expansão do comércio internacional decorrente da Revolução Industrial, no século XIX, e têm como centro nevrálgico as relações entre o setor primário exportador, o setor de subsistência e a forma como os benefícios do progresso técnico penetram na economia nacional e são repartidos, setorial, regional e pessoalmente.

No caso brasileiro, contudo, ele nos adverte que as raízes desse processo antecedem aquele momento, situando-se, quanto ao Nordeste brasileiro, no século XVI, quando ali foi implantada uma *empresa agrícola de exportação*. Embora, repito, a temática tenha sido tratada em muitas de suas obras, restringir-me-ei àquelas que considero mais relevantes para esse propósito: *Formação econômica do Brasil*, *A Operação Nordeste*, o famoso documento (não assinado) do GTDN, *Dialética do desenvolvimento*, *Análise do “modelo” brasileiro*, *A fantasia desfeita* e algumas passagens de *O longo amanhecer*.

Na primeira parte deste texto retomo a importante discussão que Furtado faz sobre a agricultura nacional e regional (de exportação e de subsistência) – “a agricultura itinerante” –, eixo central da análise que faz da formação e do subdesenvolvimento da economia brasileira (e do Nordeste), numa perspectiva histórica que vem desde a Colônia.² Na segunda e terceira partes, a temática

¹ Agradeço aos comentários feitos por Maria da Conceição Tavares à primeira versão deste texto (escrito em novembro de 1999), publicado (*Furtado e a questão regional no Brasil*) no livro por ela coordenado; ver Tavares (2000). Esta segunda versão amplia o conteúdo da questão agrícola após 1970 e contém um adendo final onde incluo pequena síntese de dois trabalhos sobre o mesmo tema {o de Paiva (1960) e o de Gonçalves e Souza (1998)}, que não consultei para a elaboração da versão anterior. Sobre o tema, ver ainda o recente texto de Gonçalves (2000, cap. 5). A versão atual deste texto foi publicada em *Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil*, de Wilson Cano, Campinas, Editora Unicamp, 2002.

² O tema desta primeira parte está contido, fundamentalmente, no cap. II de *Análise do “modelo”...* e ao longo de sua obra magna, *Formação econômica do Brasil*.

específica é sobre o diagnóstico e a política de desenvolvimento regional; na quarta são apresentados e discutidos algumas críticas e os principais impasses sofridos pela proposta de Furtado; e na última retomo, para o período pós 1970, à questão da agricultura itinerante.

I. A agricultura e o subdesenvolvimento brasileiro (*agricultura itinerante*)

Embora seu enfoque esteja centrado na implantação e dinâmica da chamada *empresa agrícola açucareira* no Nordeste, a partir do século XVI, Furtado vai incorporando o surgimento e a evolução de outras agriculturas posteriores em outros espaços, como as que resultaram das articulações e da crise da mineração (século XVIII), da cafeicultura (séculos XIX e XX), das economias de pequena propriedade do Espírito Santo e do Sul, e da agricultura capitalista diversificada de São Paulo, que surge no século XX, e de alguns de seus desdobramentos espaciais.

Embora essas agriculturas tenham apresentado processos diferenciados em vários aspectos (pecuária-algodão-açúcar; escravismo-trabalho assalariado etc.), vão resultar naquilo que Furtado chamou de *agricultura itinerante*, que molda a formação da maior parte de nossas estruturas sociais.

No início, aponta para o fato de que a abundância de terras e a rarefação da população livre não só permitiu a implantação da *plantation* escravista como também um histórico processo de alta concentração da propriedade fundiária, que seria ainda mais incentivado pela instituição da Lei de Terras a partir de 1850 e, depois disso, permanentemente chancelada pela mais conhecida de nossas instituições, o *Cartório*. À sombra dessa agricultura mercantil-exportadora desenvolveu-se o latifúndio pecuário, sempre empurrado em direção ao interior, à medida que a atividade exportadora se expandia.

Esta, mesmo diante da profunda depressão causada pela crise açucareira (séculos XVII e XVIII), podia reproduzir-se, em grande parte, de forma *natural*, ocupando novos espaços vazios ou já ocupados pela pequena agricultura de subsistência que, por sua vez, também era empurrada mais adiante ou, então, era incorporada pela pecuária, passando os pequenos produtores a viver sob o *manto protetor* do latifundiário, como *agregados* ou *moradores de condição*. O domínio da terra, com sua estrutura da propriedade e de renda, estabelecia, assim, a concentração do poder econômico e político regional. Dito de outra forma, a dilatação da fronteira agrícola reproduzia o padrão de concentração da propriedade, da renda e do poder,

e a “oferta elástica” de mão de obra – neste caso excluída não só de propriedade, mas também de posse –, mantendo a estrutura das relações sociais predominantes: patrimonialismo, submissão e marginalidade social.

No caso nordestino, vinda a abolição da escravatura em 1888, a passagem para o trabalho livre foi apenas formal, dada a negação do acesso à terra aos escravos, que apenas engrossariam o exército de agregados da agricultura de subsistência e os fluxos migratórios rumo a novas terras vazias, aqui na qualidade de posseiros, ou a outros latifúndios, como parceiros, multiplicando os bolsões de ineficiência produtiva e de pobreza. Fatos semelhantes ocorreram com o declínio da mineração em Minas Gerais, com o deslocamento da população para novas frentes pecuárias ou para a subsistência. Também o café escravista do Vale do Paraíba empurrou a produção de subsistência de antigos homens livres e da pecuária, criando novos bolsões de marginais.³

Mesmo nas agriculturas de pequena propriedade (as “colônias”) do Espírito Santo e do Sul do País, embora livres do jugo latifundiário, a dominação do capital mercantil teve forte presença, inibindo a introdução de doses maiores de progresso técnico e estimulando práticas degradantes da agricultura, obrigando-a, assim, a também itinerar. Aqui, entretanto, a propriedade dos meios de produção permitiu níveis mais amenos de concentração de renda e melhores condições sociais.

Dessa forma, a grande extensão da propriedade escravista e da pecuária e a pauperização da pequena produção agrícola foram responsáveis pelo baixo nível de progresso técnico nelas introduzido, causando baixa produtividade e predação de recursos naturais, reforçando, assim, a *circularidade* da pobreza na agricultura de subsistência. Furtado faz ainda uma comparação com o feudalismo europeu, lembrando que neste o servo tinha acesso a terras individuais e coletivas e o senhor tinha certas limitações para fixar a renda da terra, ou seja, para extrair o excedente de seus servos. Dessa forma, ainda que servos, eram regulados por *direitos*. No Brasil, os direitos serviram para restringir o acesso à propriedade e assim impedir a formação de comunidades agrícolas e manter as concentradas estruturas sociais.⁴

³ Ver a respeito o clássico livro de Maria S. de Carvalho Franco.

⁴ O debate sobre a questão agrária no Brasil e suas relações de produção no campo constitui importante tema para se aquilatar melhor a profundidade do problema fundiário do País. Uma síntese do pensamento dos principais debatedores desse tema (Alberto P. Guimarães, Caio Prado Jr., Celso Furtado e Ignácio Rangel) encontra-se em Kageyama (1993). Ver também Gonçalves (1999).

A agricultura cafeeira capitalista de São Paulo, a partir da década de 1880, apresentaria importantes diferenciações em relação às outras. Teve, além da fronteira móvel – por indução da ferrovia –, uma “oferta elástica” de mão de obra graças, basicamente, à imigração do exterior e submissível ao trabalho, e ao não acesso à propriedade da terra. Expandiu-se, incorporando novas terras, mão de obra, infraestrutura, gerando nível mais alto de produtividade, diversificando a estrutura produtiva (a partir da primeira década do século XX) ao estimular o surgimento de uma dinâmica agricultura mercantil (alimentos e matérias primas) na mesma região e por avançar sua urbanização.⁵

Contudo, essa crescente ocupação do território paulista provoca em Furtado a seguinte pergunta: “uma vez estabilizada a fronteira, continuaria a expandir-se a produção agrícola?”. Em seguida, chama a atenção para o fato de que a “extroversão” do modelo *argentino-paulista* gerou ilações de vários autores, fortemente estimuladas pelas análises de T.W. Schultz sobre a agricultura norteamericana, concluindo que “dada a baixa elasticidade-renda da demanda de produtos agrícolas, a agricultura só pode expandir-se se o sistema econômico em que está inserida apresentar uma taxa de crescimento superior ao dela mesma”.⁶

E aqui Furtado polemiza com a Cepal e com vários autores que concluíram que a agricultura brasileira teria *respondido* ao crescimento da demanda nacional de produtos agrícolas. Sua crítica crucial reside em que a conclusão acima implica em passar “para segundo plano o saber se agricultura que *responde* a uma demanda dinâmica se está realmente desenvolvendo, isto é, se eleva o seu nível técnico, se permite a melhoria qualitativa do fator humano, se acarreta elevação do nível de vida da população rural”.⁷

A análise de Furtado é clara: a *falsa resposta* esconde que o aumento da demanda de produtos agrícolas seria muito maior se fossem melhores a distribuição da renda e os salários do próprio meio rural, além dos urbanos, e que os preços mais altos dos produtos protéicos constroem essa demanda e diminuem o padrão nutricional do País. Ainda que, enquanto o aumento da oferta agrícola se der em função da expansão da fronteira (e, portanto, menos por

⁵ Sobre o desenvolvimento do complexo cafeeiro capitalista de São Paulo ver Cano (1998 A)

⁶ Furtado está se referindo ao trabalho de Shultz, *Agriculture in an unstable economy*, N.Y., 1945. Uma análise e resumo dessas posições contrárias e favoráveis está em Castro (1969, p. 77-144). Embora esse autor também conclua pela “resposta adequada” da agricultura, inclui em sua análise a questão da distribuição de renda (que, entre outras razões importantes, também foi levantada por Furtado).

⁷ As citações encontram-se em Furtado (1972, p. 112-113).

aumento do progresso técnico e mais pelo da área), seriam baixos os rendimentos físicos da terra e a agricultura continuaria *itinerante*, dando continuidade aos processos já comentados.

Com efeito, entre 1930 e 1970 os dados oficiais mostram que apenas 29% da expansão da área de lavoura apresentavam rendimentos físicos mais altos em 1970 do que em 1930, enquanto 43% apresentavam cifras mais baixas. O mapeamento regional da produção também apontava o deslocamento parcial de culturas menos capitalizáveis (arroz de sequeiro, feijão, mandioca etc.) para as áreas mais atrasadas ou de fronteira, onde também se apresentavam os rendimentos físicos menores. O fluxo migratório acumulado (pessoas que viviam fora de seus estados de nascimento) nacional, que em 1940 fora de 2,8 milhões de pessoas (das quais 800 mil nordestinos e outro tanto de mineiros), representava 6,7% da população nacional e dirigia-se não apenas à *Meca* paulista, mas também à fronteira em expansão (Paraná, Centro-Oeste e Maranhão). Em 1970, o fluxo acumulado era de 11,2 milhões, e agora os nordestinos somavam 4 milhões, os mineiros 3,2 milhões, os paulistas 1,3 milhão e os gaúchos, 700 mil pessoas.⁸

Por outro lado, a persistência de uma superpopulação rural implica na manutenção de baixos salários no campo. E sua conclusão só poderia ser a da indispensabilidade de uma *reforma agrária*, com assistência técnica, financiamento e progresso técnico adequados, que pudessem aumentar a produtividade rural e garantir melhor apropriação de seus frutos pelos trabalhadores rurais, o que resultaria em maior demanda de seus produtos no próprio setor rural. Contudo, chama a atenção que isso exige também uma expansão da economia urbana, acompanhada de redistribuição progressiva da renda, que resulte em aumento do emprego e do salário urbanos, estimulando também maior consumo de produtos agrícolas.

Como resultado das dinâmicas dessas agriculturas todas as regiões do País passam a apresentar “questões regionais”, isto é, setores com baixa eficiência produtiva (ainda que operando ao lado de outros eficientes), baixos salários, péssima distribuição pessoal da renda e indicadores sociais deprimentes. Ainda que o Nordeste exiba os piores indicadores econômicos e sociais do País, mostrando com isso que é ali que se manifesta de forma mais marcante a *questão regional* no Brasil, esses fatos revelam cabalmente sintomas e sinais evidentes de que o subdesenvolvimento permeia todo o território nacional.

⁸ Sobre o movimento dessas agriculturas e das migrações ver Cano (1998 B), capítulo 5.

Esse texto de Furtado é de 1972, momento em que se iniciava um processo de modernização (*conservadora*) da agricultura, graças ao novo e *generoso* crédito rural subsidiado, e centrada em uso intenso de produtos químicos e mecanização, mas basicamente voltada (direta e indiretamente) para os produtos “exportáveis” (soja, milho, trigo, carnes, laranja e rações).⁹ Essa política, embora tenha atingido alguns dos alvos a que se propôs (notadamente metas de exportação e aumento de produtividade), incentivou o aumento da concentração da propriedade fundiária, permitindo a continuidade da reprodução das estruturas sociais vigentes.

O conservadorismo e a enorme especulação de terras (notadamente no Centro-Oeste e na Amazônia) para reserva de valor impediram a oportunidade de, naquele momento, se fazer a reforma agrária.¹⁰ Com efeito, as elevadas taxas de crescimento da renda e do emprego urbanos que se davam naquele momento (1967-1980) teriam possibilitado os suportes urbanos imprescindíveis, segundo Furtado, para o sucesso de uma reforma agrária. Assim, a miséria no campo não diminuiu, e tanto a agricultura (em busca de terra barata) como o trabalhador (em busca de sobrevivência) continuaram a ser itinerantes: é a partir daí que cresce ou se inicia (no caso do Norte) a apropriação de terras (vazias ou já ocupadas) no Centro-Oeste, na Amazônia e em certas áreas anteriormente ocupadas de Minas Gerais e do Nordeste.

No tópico 4 retomo a questão, fazendo pequena síntese sobre o período pós 1970.

2. Formação do complexo nordestino

Embora o Nordeste esteja presente em várias partes de *Formação econômica do Brasil*, é nos capítulos 8 a 12 que Furtado apresenta o processo histórico da *Formação do complexo nordestino*, e também em várias passagens de *A Operação Nordeste* e no capítulo III do *GTDN*, todos pela primeira vez editados em 1959.

Mostra que as estruturas econômicas e sociais da região se formam desde a ocupação inicial (século XVI), com a implantação da empresa comercial açucareira em base escravista, latifundiária e com rígido controle produtivo e mercantil pela

⁹ Para um balanço regional da agricultura brasileira do período ver Paiva, Shattan e Freitas (1973).

¹⁰ Por exemplo, entre 1972 e 1976, na Região Norte, a expansão da área agrícola privada foi de 75%, mas enquanto seu uso com culturas cresceu 46% e o com pecuária 35%, as áreas inexploradas cresceram 70%. O preço de venda de terras aumentou, entre 1974 e 1976, na região, entre 150% no Acre a 180% no Amazonas, enquanto a inflação do período acumulava 50%. Cf. Graziano da Silva (1979).

metrópole. Embora essa atividade principal gerasse mercado de *grande dimensão* (para a época), os interesses do comércio exportador-importador (e acrescentaríamos os do *exclusivo comercial luso*) reduziam os efeitos que sua demanda poderia gerar sobre a própria região, determinando assim um alto coeficiente de importações (de bens de consumo e de capital). Dessa forma, era modesto o fluxo de renda restante destinado à aquisição local de insumos (madeira, principalmente), de animais (para carne e tração) e de pagamento de salários aos poucos homens livres que ali trabalhavam.

O açúcar empregava basicamente o escravo africano e pequeno contingente de homens livres. Assim, a estrutura social dominante, embora não majoritária, era a do tipo *senhor-escravo*. A elevada concentração da propriedade e da renda e o trabalho escravo definiam assim uma rígida estrutura econômica, social e de poder.

Além do poder econômico e político, o açúcar também exigia determinadas condições ecológicas, tomando para si as melhores terras da região, a chamada *faixa úmida* contígua ao litoral. À medida que se expandia, empurrava para o interior (as zonas do *agreste* e do *sertão*) as atividades locais de subsistência: a pequena produção (alimentos e algodão) e, mais internalizada, a pecuária e o algodão. Estas atividades, embora constituídas por homens livres, tinham na economia do açúcar, basicamente, o mercado monetário para seus possíveis excedentes. Por outro lado, a pecuária se formou de forma extensiva, latifundiária e, assim, sua expansão significava maior penetração no interior semiárido e aumento da concentração da propriedade fundiária.

A saída do invasor (1630-1654) holandês possibilitou o transplante do conhecimento técnico da produção açucareira para as Antilhas, ali implantando essa atividade. Bastaram poucos anos para a efetiva quebra desse monopólio luso, caindo à metade os preços e as quantidades exportadas pelo Nordeste, provocando violenta regressão real e mercantil ao açúcar, transmitindo-se a regressão mercantil às atividades de subsistência da região. Contudo, a atrofia mercantil não impediu que a pecuária continuasse se expandindo, num processo de *acumulação natural*.

A regressão, que se estenderia pelo restante do século XVI até o início do XIX, fez com que grande parte da população migrasse para o interior, notadamente para a região ocupada pela pecuária. Os homens livres que aí foram admitidos tornaram-se dependentes (*agregados* ou *moradores de condição*) dos latifundiários, praticando relações sociais de produção pré-capitalistas, como a parceria ou a cessão de tempo parcial de trabalho ao latifundiário. A reprodução natural do

gado, geralmente *combinada* com o plantio de algodão (via parceria), e a expansão da pequena produção de alimentos permitiram que a população também se reproduzisse em escala crescente, perfazendo, já no século XIX, pouco mais de 40% da população nacional.

Vinda a Abolição (maio de 1888), as frágeis condições econômicas regionais e o não acesso à terra, para os libertos, fizeram com que essa passagem para o trabalho livre, no Nordeste, fosse apenas formal, engrossando, na verdade, o enorme contingente de homens sem propriedade e sem mercado de trabalho. A rígida estrutura social e política obstaculizou e impediu a transferência de parte desse enorme excedente populacional para a cafeicultura, que então se expandia no Centro-Sul e que, a partir de 1850, com o término do tráfico negreiro, passava a carecer crescentemente de mão de obra. O chamado *problema da mão de obra*, em que se constituiu a crise do escravismo, só viria a ser resolvido, como se sabe, com a imigração maciça de trabalhadores europeus, marginalizando-se, assim, a mão de obra nacional.

Foi preciso uma longa e calamitosa seca (1877-1879), que causou forte dizimação de gado e morte de 100 mil a 200 mil pessoas, para que o *mandonismo* local não conseguisse reter a migração, que cresce, para a atividade extrativa de borracha na Amazônia, então no auge: para lá teriam rumado 250 mil nordestinos nas décadas de 1870 e 1880 e outro tanto na primeira década do século XX.¹¹ Seriam “necessárias” novas secas graves para “liberar” parte do excedente populacional nordestino, que passaria, a partir da década de 1920, a engrossar seus fluxos migratórios em direção ao Rio de Janeiro e São Paulo.

A grande lição que Furtado nos dá sobre o Nordeste é deduzida da análise econômica que fez da região, no clássico *Formação econômica do Brasil*, ao demonstrar a extraordinária *estabilidade das estruturas econômica, social e política do complexo açucareiro nordestino*. Ou seja, a de uma sociedade que, mesmo sofrendo aquela longa regressão e depois transitando do trabalho escravo para o livre, manteve os pilares básicos com que foi construída: alta concentração da propriedade, da renda e do poder político e uma implacável estrutura de dominação social.

Outra grande lição decorre de sua competente *análise econômica e ecológica* da economia do semiárido, feita em época em que a degradação ambiental ainda não estava em moda. Suas conclusões – presentes em *A Operação Nordeste* e no *GTDN*

¹¹ O *problema da mão de obra* no século XIX é analisado por Furtado (1961), capítulos 21 a 24.

– foram fundamentais para a elaboração do diagnóstico socioeconômico que faria sobre a região.

Furtado mostra o anacronismo da expansão açucareira, empurrando a economia de subsistência para o agreste e para o semiárido (onde predomina o latifúndio pecuário) e, com isso, aumentando o desmatamento, tornando cada vez mais precário o regime de precipitação das chuvas e, assim, diminuindo ainda mais a capacidade produtiva do solo para a produção alimentar. Excetuam-se a isso as plantas xerófilas, as quais, contudo, são cultivadas em solos pobres, com baixo nível técnico e suscetíveis de substituição por outros produtos similares não xerófilos, produzidos em outras regiões.¹²

Em situações de secas breves e pouco intensas, o regime de precipitação e a estrutura de acumulação de água (em açudes, por exemplo) permitem a sustentação das três atividades, porém com menor rendimento: a policultura alimentar, as xerófilas e o gado. Contudo, quando a seca é mais intensa e mais longa, os grandes proprietários preservam seu gado com seus açudes ou mudando-o para espaços regionais mais amenos (vales e *manchas* úmidas, por exemplo), mas a agricultura alimentar plantada no latifúndio (em parceria) ou a pequena produção de subsistência não resistem, ocorrendo forte redução na produção local de alimentos e grandes perdas para os pequenos produtores. Passam a ocorrer, em síntese, a *fome, o êxodo e a perda da pequena propriedade*.

Vista a questão numa perspectiva histórica, ocorreu que a população e o gado foram se reproduzindo em escala ampliada, aumentando o adensamento de gente e de gado numa região de precárias condições ecológicas para a prática de uma agricultura tradicional de alimentos. As perdas desta, nas secas mais fortes, causam a fome e o êxodo, justamente porque é a população de mais baixa renda a mais afetada pela perda do plantio. Logo, nos espaços do agreste e do semiárido onde a irrigação não puder ser implantada (por razões técnicas ou econômicas), a agricultura de alimentos é contraditória com a ecologia, ainda mais quando houver grande adensamento populacional.

Dessa forma, a conclusão inexorável era a de que a pequena produção de alimentos, no agreste e no semiárido, sem irrigação, era improdutiva e altamente

¹² É o caso, por exemplo, do algodão arbóreo (xerófila), antes cultivado no semiárido nordestino, que foi perdendo mercado para novos tipos de algodão herbáceo graças ao desenvolvimento tecnológico deste. Para uma discussão detalhada das condições de operação da agricultura do semiárido, frente aos problemas da seca e da possibilidade de irrigação, ver Carvalho (1988).

vulnerável diante do quadro ecológico local. Mas Furtado não concluía, obviamente, pelo fato de que a concentração fundiária então vigente fosse adequada e, sim, pela necessidade de adequar a dimensão da propriedade e o adensamento demográfico às condições ecológicas. Este problema será retomado no tópico 5.

3. Diagnóstico e proposição de uma política de desenvolvimento regional para o Nordeste

3.1. Conscientização política e teórica da questão regional¹³

O regionalismo brasileiro faz parte de nossa história política e social, tendo se manifestado, sobretudo, em vários movimentos revolucionários regionais do século XIX, em debates parlamentares desde o Império; na vasta produção literária regional e, já em fins do século XIX, face ao agravamento do problema das secas do Nordeste. Contudo, o problema ganhou maior destaque na discussão política nacional em fins da década de 1950. Até essa data, a questão regional estava parcialmente circunscrita – no âmbito do discurso político e da tomada de decisões – às chamadas medidas de combate às secas do Nordeste. Não é difícil atinar com as principais razões que estimularam o amplo debate em torno do tema.

No plano internacional, recordemos que o final da Segunda Guerra Mundial desencadeou um conjunto de políticas de reconstrução e de desenvolvimento e de reflexões teóricas que resultaram na criação de instituições internacionais (como o BIRD), em planos de ajuda (como o Plano Marshall) e no aprofundamento dos estudos sobre desenvolvimento econômico, desenvolvimento regional e urbano, e planejamento econômico. Dentro desse espírito, na América Latina a Cepal nos advertia para o enorme e crescente hiato entre as nações ricas e pobres, face aos resultados de nossa inserção no sistema de divisão internacional do trabalho, com o que, se não fossem tomadas medidas urgentes e concretas, “as nações ricas tornar-se-iam cada vez mais ricas e as pobres, cada vez mais pobres”. Dela surgiram proposições concretas que objetivavam a superação de nosso subdesenvolvimento (nacional e regional).

É nesse processo que também ocorre o desenvolvimento da chamada “Ciência Regional” (escola neoclássica de economia regional), formulada principalmente pelas escolas americana e francesa, basicamente durante a década de 1950, que,

¹³ Este tópico constitui, em grande medida, adaptação de partes introdutórias de dois trabalhos anteriores: Cano (1998 A e B).

muito embora incapazes de explicar nossa problemática – porque teoricamente inadequadas –, contribuíram para que muitos se interessassem pelo seu estudo, ampliando a discussão sobre os problemas dos desequilíbrios regionais.¹⁴

Entre a influência da *Regional Science* e a da Cepal, felizmente foi a desta escola que prevaleceu. Embora parcialmente inadequada, ampliou o nível de conscientização política para o tema. Seu principal problema teórico, no que se refere às tentativas de aplicá-lo à dimensão regional de uma nação, consiste em que a concepção “centro-periferia” é válida quando aplicada ao relacionamento entre Estados-nações, mas não o é plenamente entre regiões de uma mesma nação.

Nessas, a diferenciação de fronteiras internas não pode ser formalizada por medidas de política cambial, tarifária e outras, salvo as relacionadas às políticas de incentivos regionais. As regiões, quando muito, guardam marcas diversidades culturais e históricas, além de estruturas econômicas diferenciadas. No Brasil, a influência cepalina também foi grande entre pessoas e instituições progressistas, e praticamente todas as regiões e seus estados imaginaram, nas técnicas de planejamento, o antídoto para seus problemas, passando a elaborar enorme quantidade de planos de desenvolvimento regional.

No plano interno, alguns fatos anteriores foram importantes para aquela conscientização: as pressões decorrentes da grande seca de 1877-1879, que resultaram, desde fins do século XIX, em medidas para seu combate, principalmente em termos de construções de açudes e de estradas; a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas em 1909, transformada em 1945 no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS); a reintrodução, em 1946, pela Constituição Federal, da obrigatoriedade (que constava da Constituição de 1934) de vincular 3% da receita federal para o combate às secas do Nordeste, atribuindo-lhe, nas disposições transitórias, mais 1%; a criação, em 1948, da Comissão do Vale do São Francisco, com o objetivo de desenvolver aquele vale fluvial, e da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, para produzir e distribuir energia elétrica; a criação do Banco do Nordeste do Brasil em 1952, propiciada pelas grandes secas de 1951.

Cabe destacar que as secas de 1951, 1953 e, principalmente, de 1958 tiveram marcada importância nessa tomada de consciência ao ampliarem consideravelmente o número de “retirantes” nordestinos, que se dirigiam

¹⁴ A influência dessa escola na América Latina e particularmente no Brasil constituiu forte entorpecimento, principalmente na academia, à correta compreensão de nossos problemas regionais, porque decorrentes dos nossos processos históricos de desenvolvimento capitalista.

principalmente ao Sul, em busca de sobrevivência. As migrações internas tiveram extraordinária importância para as decisões políticas que seriam tomadas sobre a “questão regional”.¹⁵

Contudo, não foram apenas as secas que desencadearam todas as pressões. Em 1951 e 1952 eram divulgadas as Contas Nacionais e Regionais do Brasil, que continham dados sobre as disparidades das rendas regionais. Pelos censos industriais de 1919 e de 1949 podia-se constatar que as taxas médias anuais de crescimento industrial foram de 7,9% em São Paulo e de 5,4% para o resto do País, e que São Paulo concentrava entre 50% e 70% do valor adicionado pelas indústrias produtoras de bens de produção. Em suma, ficava cada vez mais claro que os desequilíbrios regionais tendiam a se acentuar e que poderiam aumentar face aos maciços investimentos de infraestrutura e de indústria pesada – decorrentes do Programa de Metas – que se concentravam principalmente em São Paulo, e isso desencadeava pressões políticas das demais regiões, reclamando tratamento prioritário de desenvolvimento.

O arcabouço institucional de apoio regional não se limitaria ao Nordeste. Em 1953 fora criada a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), transformada em 1966 na Sudam. Em 1956 era criada a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Região da Fronteira Sudoeste do País (SPVERFSP), transformada em 1967 na Sudesul; em 1961, criava-se a Comissão de Desenvolvimento do CO (Codeco), em 1967 transformada na Sudeco, e, finalmente, também em 1967, criava-se a Suframa, instituindo-se a Zona Franca de Manaus.¹⁶ O sistema de incentivos fiscais, basicamente centrado na isenção total ou parcial do imposto sobre a renda para subsidiar o investimento privado no Nordeste, a partir da criação da Sudene seria estendido, em 1963, à região amazônica, tutelada pela Sudam.

3.2 O diagnóstico e a política para o desenvolvimento do Nordeste

Embora suas obras mais relevantes para o exame deste tópico sejam *A Operação Nordeste* e o documento do GTDN, é em *A fantasia desfeita* que Furtado, fazendo uma autobiografia do período, revela fatos e detalhes impossíveis de serem percebidos nas duas outras obras.

¹⁵ Hirschman (1965) apresenta um resumo das principais secas e medidas políticas adotadas para a questão, no período de 1877-1959.

¹⁶ Para referências e bibliografia sobre as políticas de algumas dessas instituições, ver Cano (1998 B).

A formulação da política surgiria em decorrência das pressões políticas já mencionadas, que aumentam a partir da segunda metade da década de 1950. Essas pressões decorriam: das secas, da concentração industrial em São Paulo, dos elevados recursos federais alocados na construção de Brasília, do intenso debate nacional em torno da problemática do subdesenvolvimento nacional e regional, e do crescimento de vários movimentos sociais reivindicativos (em especial o das *Ligas Camponesas*). Elas foram canalizadas para o presidente da República (JK), que, também envolvido no debate desenvolvimentista que lastrou sua campanha eleitoral em 1955, havia formulado uma proposta para a América Latina (a *Operação Panamericana*), à semelhança de um Plano Marshall, que, entretanto, não sensibilizou suficientemente os EUA. Assim nasceria a *Operação Nordeste*.

Furtado havia renunciado a seu cargo na Cepal em 1958, assumindo uma das diretorias do BNDE, condicionada a que pudesse pensar a questão Nordeste e propor uma política para a região. Ao mesmo tempo, contudo, JK havia criado uma assessoria junto ao BNDE para preparar a referida política, o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN). Porém, diz Furtado: “Não havia no Grupo nenhuma pessoa com conhecimento de conjunto da região, e menos ainda economistas especializados em desenvolvimento. Uma equipe assim improvisada, e sem direção competente [...]”. Decidiu então elaborar o referido estudo, sem informar a ninguém do GTDN, mas sem esperança contudo de aproveitá-lo ainda no mandato de JK, que terminava em 1960.

Com o aumento das pressões e dos conflitos sociais no Nordeste, JK chamou algumas pessoas, entre as quais Furtado, para discutir a questão, e diante da exposição feita por este determina o lançamento da *Operação Nordeste* em janeiro de 1959. Por decreto criou o Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno) ainda em abril, e o Projeto de Lei de criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) foi então encaminhado ao Congresso.

O documento básico que sustentava a proposta de uma nova política para a região era o produzido por Furtado (*Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*), que, entretanto, não explicitava sua autoria, atribuindo-a ao GTDN, cuja composição técnico-política era conservadora e, portanto, tolerada pela elite regional. Furtado tinha a certeza de que, se assinasse o documento, o Congresso não aprovaria a Sudene, finalmente instituída no final de 1959, tendo Furtado sido nomeado superintendente a despeito das pressões contrárias da bancada legislativa federal nordestina.

A visão que a Sudene apresentava para o Nordeste era distinta daquelas formas oportunistas e assistencialistas até então vigentes, com Furtado imprimindo-lhe a nova visão do desenvolvimento econômico. Como tal, os demais órgãos federais da região, que antes eram incumbidos do atendimento ao “combate às secas”, passavam agora a ser coordenados pela Sudene, enfrentando a chamada “indústria das secas”. Agora, os investimentos federais na região seriam objeto de *planejamento plurianual*, ameaçando, com isso, parte do poder das oligarquias locais. A luta foi feroz e a vitória foi obtida com o apoio da burguesia industrial de fora da região, que rapidamente entendeu a proposta reformista e as novas oportunidades de investimento que ela então abria.

Face ao temor da perda de poder pelas várias burocracias, que exprimiam a articulação entre os grandes interesses locais e o governo federal, justamente os representantes parlamentares da própria região tentaram impedir a instituição da Sudene no Congresso Nacional. A luta maior, contudo, seria para a aprovação do Primeiro Plano Diretor da Sudene, só sancionado em 1961, após longa e dura batalha política.

A política de incentivos ao investimento privado seria, em grande medida, centrada no subsídio ao capital por meio de incentivos fiscais, cambiais e outros, de início só permitidos às empresas de capital nacional, benefício estendido em 1963 também às de capital estrangeiro. A crescente tomada de consciência a que me referi faria com que política semelhante fosse, a partir de 1963, estendida à Amazônia, diversificando a “carteira regional” de investimentos e beneficiando também os inversores dos estados do Sul, que são os maiores detentores das isenções fiscais do imposto sobre a renda.

O diagnóstico contido no *GTDN* tem uma abordagem histórica, realçando o enorme desnível entre a região e o Centro-Sul, apontando o grave fato de que esse processo de diferenciação era cumulativo, tendendo, pois, a perpetuar e ampliar as diferenças. Concluía, ainda, que as razões fundamentais desse processo – além daquelas inerentes à própria estrutura nordestina – eram:

- a política cambial e de controle das importações vigente no período, que subsidiou fortemente a industrialização do Centro-Sul, punindo as exportações internacionais nordestinas, aliás de débil crescimento;
- dado que o Nordeste praticamente exportava as mesmas mercadorias (açúcar e algodão, principalmente) para o Centro-Sul, decorriam do câmbio e do comércio inter-regional perversas relações de troca para a região;
- regressividade maior da carga tributária federal na região;

- transferência de capitais privados nordestinos em direção à outra região, só em parte compensados por transferências federais;
- a frágil política de combate às secas, chamada de “solução hidráulica”, que consistia, fundamentalmente, na construção de obras públicas – notadamente açudes –, beneficiando mais os grandes proprietários e não atuando sobre as causas estruturais.

Além dessas questões, o diagnóstico analisa profundamente as baixas condições produtivas da agroindústria açucareira na zona úmida; o anacronismo ecológico do semiárido; as possibilidades de deslocar a fronteira agrícola para o Maranhão; a expansão da irrigação nos vales úmidos (São Francisco, principalmente) e na Zona da Mata; e a débil estrutura industrial, em parte sofrendo de grande obsolescência.

Em seguida apresenta as seguintes proposições:

a) *semiárido*: redução da atividade produtora de alimentos, com o deslocamento de cerca de 1 milhão de pessoas, que seriam assentadas em projetos de colonização do Maranhão, em projetos de irrigação em vales úmidos e na reforma agrária da Zona da Mata. O documento enfatizava questões importantes: i) que o problema ecológico impunha a necessidade de aglutinação de pequenas propriedades e não fragmentação; que a produção alimentar só se viabilizaria, com segurança, por meio da irrigação, de enormes custos e dificuldades no semiárido; ii) que a área deveria, portanto, ser dedicada mais à expansão das culturas xerófilas de exportação (como o algodão arbóreo) e à sustentação da pecuária; iii) o deslocamento humano propiciaria sensível diminuição aos graves efeitos sociais da seca, sobre a população mais pobre, e melhoria das condições de vida desta, nas novas áreas assentadas;

b) *Zona da Mata*: a baixa produtividade regional do açúcar (30 contra 50 t/ha em São Paulo) poderia ser substancialmente aumentada com melhorias técnicas e apoio financeiro do governo e, com isso, liberar apreciável quantidade de terras para um projeto de reforma agrária. Esta, além de seu objetivo social, era pensada para ampliar a oferta regional de alimentos, cuja demanda (que era precariamente atendida pela agricultura regional) cresceria ainda mais, se realizado o programa de industrialização;

c) *irrigação*: elaboração de Projeto de Lei de Irrigação voltado para os interesses sociais que desse base à política de colonização e de produção alimentar. O item contemplava futuro projeto no vale do São Francisco (mais tarde realizado) e a contratação de estudos técnicos com empresas internacionais, para diagnosticar o potencial hídrico e de irrigação da região;

d) *industrialização*: concebia a instalação de um Centro Autônomo Manufatureiro para implementar uma *política de substituição regional de importações*. O projeto contemplava quatro objetivos: **i)** implantação da pequena siderurgia, com decisivo apoio financeiro oficial, para estimular a atividade da metalurgia de produtos de consumo e de produção; **ii)** estimular a implantação de indústrias mecânicas simples, com reconhecida demanda local para mecânica simples, implementos agrícolas, móveis metálicos etc.; **iii)** aproveitamento de matérias primas locais (notadamente minerais), como cimento, adubos fosfatados e outros, que possibilitassem, inclusive, criar canais de exportação para o mercado nacional; **iv)** recuperação de indústrias tradicionais (notadamente a têxtil).

Estavam explícitos, nas propostas, outros objetivos gerais, como o de criar uma mentalidade empresarial na região; introduzir maior quantidade de progresso técnico na economia; criar uma estrutura industrial menos dependente de importações (regionais ou não) e, portanto, com maior encadeamento local; eliminar o atraso agrícola e ampliar suas relações capitalistas de produção; adequar o conhecimento científico da base de recursos naturais aos requisitos do programa; ampliar os níveis de educação e saúde da população etc. No tópico seguinte tentarei fazer um balanço dos resultados, lembrar os percalços sofridos por Furtado e re apresentar algumas observações críticas à proposta.

4. Alguns problemas e impasses sofridos pela proposta

Estas *considerações finais* contemplam comentários e críticas a três tipos de questões referentes ao tópico anterior, presentes nos documentos citados, sobre: principais fatos que explicariam o crescente distanciamento do Nordeste em relação ao Centro-Sul; o diagnóstico e as propostas; as alterações da política regional após o golpe de 1964.

4.1 Mecanismos que teriam agravado a diferenciação Nordeste/Centro-Sul

Antes de entrar nesta questão, cabe advertir que não nego que tais mecanismos, no todo ou em parte, podem se manifestar dentro dos parâmetros da relação de tipo centro-periferia entre nações politicamente organizadas. Diversos trabalhos da Cepal já comprovaram o fenômeno, tanto para o período que vai da crise de 1929 ao imediato pós-guerra, como para os anos mais recentes da década de 1970.¹⁷

¹⁷ Para o primeiro período, ver os citados trabalhos de Prebisch e da CEPAL. Para os anos mais recentes ver Pinto e Kňakal, 1971.

Dentro de uma nação, sem fronteiras políticas ou alfandegárias internas, esse problema se torna complexo e não se pode apontar um suposto “imperialismo interno” sem precisar seus termos. Mas há que se entender que o verdadeiro problema do chamado “imperialismo interno” é o da concentração automática de capital por intermédio da concorrência capitalista que se processa em forma livre em um espaço econômico nacional unificado, em que os interesses privados de maior porte não são efetivamente regionais. Há, em síntese, a concentração em um centro dominante, que imprime os rumos decisivos do processo de acumulação de capital à escala nacional.

Sobre os fatos apontados pelo GTDN para o agravamento da diferenciação entre o Nordeste e o Centro-Sul – principalmente com São Paulo –, resumo aqui a seguinte argumentação.¹⁸ No que se refere a possíveis *transferências inter-regionais privadas de capital no sistema financeiro* (em termos de depósitos, aplicações, empréstimos e outras), lembro que o sistema bancário nacional até o final da década de 1950 era precário e não dispunha de grande flexibilidade de aplicações inter-regionais como hoje. Por outro lado, o exame da relação empréstimos/depósitos nas diferentes unidades da federação não apresentaram sinais de desequilíbrios importantes, ao mesmo tempo em que o Banco do Brasil sempre canalizou para muitas regiões recursos financeiros superiores às disponibilidades locais.

Os argumentos referentes aos *problemas cambiais, de importações subsidiadas* para a indústria, e, portanto, prejudiciais aos preços das exportações nordestinas para o exterior e para o resto da nação procedem, mas cabem a eles algumas ressalvas importantes. Ocorre que seria impraticável utilizarem-se taxas cambiais regionalmente diferenciadas, as quais, entretanto, se aumentassem o preço do algodão e do açúcar exportados pelo Nordeste provavelmente torná-los-iam mais caros para o resto do País e, portanto, pouco competitivos com a produção daquelas regiões ou mesmo do exterior. O subsídio às importações industriais não era restrito a nenhuma região e, assim, caberia inquirir por quais razões o Nordeste dele não se beneficiou, mas isso nos leva a outras razões que não a cambial.

No que tange ao argumento de que as diferenças de câmbio provocaram uma *transferência implícita* de renda para o Centro-Sul de US\$ 167 milhões entre 1948 e 1956, o fato é correto, mas o próprio Furtado esclareceu que: “A transferência (de

¹⁸ Atenho-me aqui às razões contidas no GTDN. Em Cano (1998 B, p. 17-44, faço críticas mais detalhadas a um conjunto maior de questões, tanto a algumas das formuladas nesse documento como a outras, de diversos autores. Esse conjunto de razões (corretas ou não) se insere na discussão das relações *centro-periferia* entre o Nordeste e o Centro-Sul, mais centradas, contudo, em São Paulo.

recursos) a que se faz referência nos parágrafos anteriores é do mesmo tipo da que decorre de uma perda na relação de preços de intercâmbio. Portanto, não se expressa em fluxo monetário. A rigor, não se trata de uma transferência de renda e sim de uma baixa de produtividade de caráter econômico”.¹⁹ Contudo, outros trabalhos avaliaram saldos positivos de US\$ 143 milhões para o período 1956-1963 e de US\$ 122 milhões para o período 1948-1968.²⁰ Ou seja, a política cambial não foi má para a região durante todo o tempo.

O fato ali apontado de que o comércio com o Centro-Sul (basicamente com São Paulo) tenha sido deficitário, “compensando” o déficit externo dessa região, também precisa ser mais bem avaliado. São Paulo, entre 1900 e 1950, sempre foi superavitário com o exterior e, em 1949, já detinha 48% da indústria nacional. Tomado o período 1951-1959 – quando aquela cifra salta para 55,6% –, em cinco desses nove anos tanto São Paulo como o agregado “Restante do País” foram deficitários; em um ano foram superavitários em sua contas externas; e nos três anos restantes o déficit de São Paulo foi muito maior do que o superávit da outra região. Assim, não foram os superávites dos demais estados que explicam o avanço da concentração em São Paulo. Por outro lado, o financiamento do déficit nordestino com o resto do País certamente teve como fontes de financiamento: o superávit de seu comércio externo, *mais* o saldo do gasto e das transferências governamentais federais excedentes da arrecadação local.

4.2 Sobre o diagnóstico e as propostas

Dado que o diagnóstico elaborado teve alto nível técnico, seus principais adversários assestaram a crítica no sentido político e ideológico, basicamente contra a reforma agrária, acusando-a de *comunizante*. Dado o momento de efervescência do debate político nacional em torno das *Reformas de Base* (agrária, urbana, educacional, tributária e outras) que ocorre entre 1959 e 1964, não é difícil entender a dureza do combate sofrido por Furtado. Ora, naquela época, no Nordeste, terra significava (ainda mais do que hoje) *poder*; e as oligarquias locais, além de tentarem impedir a criação da Sudene e a aprovação de seu Primeiro Plano Diretor, “torpedearam” Furtado junto à opinião pública e ao governo, mas este, entretanto, deu-lhe sustentação.

¹⁹ Cf. GTDN (1967: p. 30). O grifo é do autor deste trabalho. Infelizmente, o aparelho estatístico impede o levantamento de um Balanço de Pagamentos regionalizado com o qual se poderia efetivamente estimar os fluxos de serviços e de capital inter-regionais e os de cada região com o exterior, com o que se poderia esclarecer melhor a questão.

²⁰ Cf. Guimarães (1965, p. 06-12) e Albuquerque e Cavalcanti. (1976, p. 48-50)

Em suma, e ao contrário do que afirmavam muitos de seus críticos, Furtado tentava criar aquilo que o Nordeste nunca tivera, de forma mais avançada: relações capitalistas de produção no campo, numa economia mais eficiente e internamente integrada. Seu projeto de reforma agrária (Zona da Mata) e de colonização (vales úmidos e Maranhão) era social e economicamente correto: expandir a oferta de alimentos para apoio à industrialização, incorporar ao mercado o homem rural e desconcentrar a renda rural, além de enfrentar a questão ecológica do semiárido.

Nessa área, sua proposta fundiária era também correta: adequar o tamanho da propriedade (aglutinando as pequenas, em muitos casos) para compatibilizar a baixa produtividade da terra e tentar, de certa forma, especializar a produção agrícola local, de gado e xerófilas. Aqui, contudo, sobrestimou as condições mercadológicas para o algodão arbóreo, mas naquele momento não poderia prever a futura evolução tecnológica do algodão herbáceo (e de outras fibras químicas) que tornaria problemática a competitividade daquela xerófila.

No que tange à *questão da irrigação*, suas decisões foram igualmente corretas, ao programá-la nas áreas úmidas vazias ou de reforma agrária, diminuindo seu custo e ao mesmo tempo dando melhor condição de produtividade e de renda aos futuros assentados. Para isso, elaborou um projeto de lei de irrigação, mas as bancadas regionais no Congresso Nacional tentaram trucidar o projeto e convertê-lo em mais uma nova sinecura para as oligarquias rurais regionais, obrigando o governo a retirá-lo. Ainda assim, o programa de irrigação teve resultados muito positivos com a grande quantidade de estudos técnicos de solos e com o projeto piloto (2 mil ha) no Vale do São Francisco que seriam extremamente úteis, mais tarde, para a implantação de agricultura moderna em algumas áreas do Nordeste.²¹

A proposta de melhoria técnica na cultura da cana-de-açúcar, que em princípio interessaria aos usineiros, também sofreria sério percalço a partir de 1962, pois os EUA, diante da *crise cubana*, fecharam o mercado americano a Cuba, com o que o preço do açúcar subiu e os usineiros não só abandonaram qualquer intento de remodelação, mas, ainda, recrudesceram em seus ataques à reforma agrária na Zona da Mata.

A colonização no Maranhão também resultou em fracasso, porque quando os técnicos da Sudene chegaram na área pretendida para os assentamentos lá

²¹ Sobre a questão das xerófilas, dos problemas das secas e da irrigação ver o excelente trabalho de Carvalho (1988).

encontraram 50 a 60 mil pessoas vivendo em condições deploráveis: uma enorme quantidade delas desempregada, famélica, sifilítica, e prostituição em larga escala. Assim, a Sudene, em vez de executar a colonização, viu-se obrigada a ali instalar um grande acampamento de assistencialismo, para atender àqueles miseráveis e tentar pelo menos contornar a situação.

O projeto de *industrialização* teve maiores resultados – em que pese ter desconsiderado algumas questões que julgo relevantes –, embora explicitasse o conhecimento da dimensão e do momento histórico de sua problemática. Primeiro, por tentar transpor para os marcos de uma região uma *política de industrialização por substituição regional de importações*, “visando criar no Nordeste um centro autônomo de expansão manufatureira”.²² Mas devo esclarecer que nem todas as indústrias programadas se enquadrariam no tipo “substituição regional das importações”, como, por exemplo, as de cimento, de adubos fosfatados ou de transformação de minerais não metálicos regionais

Essa tentativa de transplantar para o marco regional uma política cepalina de substituição de importações referida ao marco nacional era obrigada a compensar precariamente, por intermédio de incentivos fiscais, cambiais e financeiros, a inexistência de fronteiras políticas regionais protegidas por barreiras tarifárias e não tarifárias.

A rigor, essa concepção industrializante do GTDN pode ser criticada por não se ter dado conta de que a industrialização que se processava no País, a partir de meados da década de 1950, já não guardava as mesmas relações que predominaram no processo até então desenvolvido por “substituição de importações”. Em verdade, o cerne da questão da industrialização nacional não residia apenas na implantação de setores modernos (bens de consumo duráveis e de produção), mas em uma industrialização predominantemente comandada pelo capital estrangeiro ou pelo Estado, de caráter marcadamente oligopolista. Tanto é assim que a principal correção que se fez sobre a primeira formulação da política de desenvolvimento industrial do Nordeste foi, em 1963, a extensão às empresas de capital estrangeiro dos benefícios da isenção do imposto de renda para os investimentos no Nordeste, antes (1961) restritos às empresas de capital 100% nacional.

Outra questão reside no fato de que, desde a década de 1930, a industrialização passou a ser feita em escala nacional, comandada basicamente

²² Cf. GTDN (1967, pp. 14, 83-86). Mais tarde, na programação da SUDAM, também se repetiu a tentativa “substituidora de importações regionais”.

por São Paulo, que então iniciava o processo de integração do mercado nacional, condicionando-o, portanto, a uma complementaridade inter-regional ajustada às necessidades ditadas pela acumulação daquele *centro dominante*. Em síntese, não se deu conta da inexistência, já naquela época, de uma oportunidade histórica “concreta” para a criação de um Centro *Autônomo* (Regional) de Expansão Manufatureira.²³

Em suma, as políticas de industrialização regional acabaram por apoiar a implantação de moderna indústria comandada por capitais de fora, em maior medida de São Paulo, de onde se originou cerca de 50% dos investimentos incentivados no Norte e no Nordeste, sendo pequena a participação de capitais locais em ambas as regiões. Mais ainda, o tipo de indústria que ali se instalou pouco teve a ver com o mercado da massa populacional de baixa renda que lá predomina, não solucionando o problema de emprego e muito menos o da concentração da renda urbana.²⁴

Independentemente do acerto nas escolhas setoriais (metalurgia, minerais não metálicos, química, recuperação da têxtil e aproveitamento de outras matérias primas locais), o programa de industrialização teve de conciliar os interesses do grande capital oligopolizado.

4.3 O pós-1964

O golpe militar de abril de 1964 liquidou as proposições reformistas de caráter progressista. Furtado não escaparia à implacável perseguição exercida contra os que professavam aquelas reformas ou que as punham em prática, ou, simplesmente, os “suspeitos”. Destituído da Sudene, teve ainda seus direitos políticos cassados na primeira lista de atingidos, saindo do País com passaporte diplomático.

Com o golpe, a proposta do GTDN foi profundamente atingida, mais nas políticas agrária e agrícola do que nas de infraestrutura e de indústria. Daí em diante, reformas institucionais e de normas de política econômica causariam enorme pulverização do sistema de incentivos regionais fiscais, cambiais e creditícios, que até 1964 estavam concentrados, basicamente, na política de desenvolvimento regional da Amazônia e do Nordeste. A começar em 1965,

²³ O grifo é do autor deste texto.

²⁴ Para uma discussão mais ampla sobre o GTDN e as políticas que lhe sucederam ver: Araújo (1979), Albuquerque e Cavalcanti (1976), Goodman e Albuquerque (1974); Guimarães (1989) e Moreira (1979).

com o novo Sistema Nacional de Crédito Rural, subsidiando principalmente os modernos segmentos voltados para a exportação, basicamente localizados na moderna agricultura de São Paulo e do Sul do País.²⁵

A partir de 1967, ocorreriam várias modificações na política de incentivos fiscais, ampliando-se, consideravelmente, as alternativas para investimentos, que, além daquelas opções regionais, passavam também a contar com opções setoriais, muitas delas sem maiores restrições de localização regional do investimento e algumas, rígida ou fundamentalmente localizadas nos próprios centros mais desenvolvidos do País. Assim, a política de incentivos, a partir de 1967, seria estendida à indústria da pesca; em 1968, incluiria o turismo, o reflorestamento e a compra subsidiada de ações de sociedades de “capital aberto”; em 1970, seria incluída a indústria estatal aeronáutica (Embraer) e em 1975, o Programa do Álcool.

Isso não quer dizer que tenha desaparecido a perspectiva regional, dado que, para isso, foram instituídos programas especiais – como o Programa de Integração Nacional e o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e Nordeste – e outros, parte deles utilizando também recursos dos incentivos fiscais. Contudo, tais programas estimularam ainda mais a concentração da propriedade rural, tal como o novo Imposto Territorial Rural, ao final da década de 1970, tornando praticamente inócua sua utilização.

O elenco de estímulos seria ainda integrado com as isenções e créditos tributários concedidos pela política de expansão de exportações de manufaturados. A partir de 1969, seriam estendidas as isenções dos impostos de importação de produtos industrializados e de circulação de mercadorias aos bens de capital e a determinadas matérias primas (importados ou nacionais), desde que vinculados a projetos de investimentos aprovados pelo Conselho de Desenvolvimento Industrial. Por paradoxal que possa parecer, essas isenções eram concedidas com grande liberalidade na alocação regional dos investimentos implantados em São Paulo, no Nordeste ou em qualquer outra região. Isso fez com que o elenco de isenções, que já havia proporcionado maiores alternativas *regionais* de inversões, passasse, também, a oferecer maiores opções *setoriais*.

Entretanto, à medida que se pulverizava o montante de recursos provenientes de financiamentos e de incentivos voltados especificamente ao Norte e ao Nordeste, e que, portanto, a política de desenvolvimento regional esmorecia e

²⁵ Sobre o papel desse novo sistema de financiamento ver Delgado (1986).

com ela suas principais instituições (Sudam e Sudene), paradoxalmente elevou-se substancialmente o crescimento econômico periférico. A razão fundamental para isso – à parte questões específicas de decisão sobre investimentos estatais, como os da Petrobras e da Telebrás – foi o excepcional crescimento industrial decorrente da política industrial da década de 1970, que tinha como ideia central a de converter o País em um *Brasil potência* e como objetivo maior o de completar a matriz industrial brasileira.²⁶

Para isso, era necessário acelerar as exportações agroindustriais modernas, porque teríamos problemas sérios de balanço de pagamento, e aprofundar o conhecimento e a exploração da ampla base regional de recursos naturais e, para isso, a adequação da infraestrutura. Grande parte desses investimentos (inerentes ao II Plano Nacional de Desenvolvimento) teve de ser localizada na periferia nacional, produzindo o citado alto crescimento do período. Contudo, dois grandes e *velhos conhecidos* problemas do nosso capitalismo tardio, a estreiteza do financiamento de longo prazo interno e externo, explicitaram seus efeitos negativos. O *sonho* terminaria com a crise da dívida, na década seguinte, mas aqueles investimentos *amadureceriam* até 1985, esticando ainda o fôlego econômico periférico.

O elevado crescimento industrial aumentou fortemente o emprego urbano e a agricultura itinerante expandiu ainda mais a fronteira agrícola. Estes dois efeitos absorveram os enormes fluxos migratórios que saíram da periferia (principalmente do Nordeste e de Minas Gerais), amortecendo, no período, grande parte das tensões sociais e, com isso, evitando, para as elites, o dissabor que é para elas a justa distribuição da propriedade. A nação perdeu, mais uma vez, a oportunidade de fazer uma reforma agrária concomitante a um período de alto crescimento do emprego urbano.

5- A itinerância pós-1970

A primeira versão deste trabalho – feita para um seminário em homenagem a Furtado, patrocinado pela Fundação Perseu Abramo, pela PUC-MG e pelo Corecon-MG em novembro de 1999 – foi escrita em curto espaço (em julho de 1999) de tempo, com o que não me foi possível pesquisar, em minha “fila de espera para leitura futura”, outro material sobre o tema. Contudo, em fins de 2000, preparando um seminário sobre agricultura brasileira para meu curso

²⁶ Para uma análise da questão regional brasileira entre 1970 e 1995 ver Cano (1998 B), capítulo 6.

de política e desenvolvimento regional, lembrei-me do texto citado de Gonçalves e Souza, que ainda não havia lido com atenção. Aproveito este tópico, parcialmente pós-escrito em relação à primeira versão, justamente para fazer-lhes justiça e para também incluir Paiva, cujo texto, resgatado e citado por aqueles autores, já estava um tanto afastado de minha memória.²⁷

Paiva, examinando o comportamento da agricultura brasileira em termos espaciais, nota que ela era *itinerante*, como também Furtado havia observado. Contudo, sua visão econômica – distinta da de Furtado – apelava basicamente para a questão do esgotamento da fronteira agrícola interna de São Paulo e a marcha da agricultura em direção ao Paraná e ao Centro-Oeste, principalmente. Vê, como iniludível necessidade, a introjeção de progresso técnico no agro paulista, para que se desse o *retorno* de parte da agricultura *emigrada* para São Paulo, onde havia mais terras com melhor qualidade e rendimento.

Escrevendo esse texto naquele momento (1960), Paiva não pôde prever, entre outras, as seguintes alterações fundamentais que ocorreriam: a instituição do novo sistema de crédito rural, que permitiu notável incorporação de progresso técnico principalmente nas culturas industriais e de exportação, não limitada ao agro paulista; a futura incorporação do cerrado brasileiro, até então considerado como área de difícil aproveitamento agrícola; não previu, ainda, a profunda transformação de áreas de pastagem natural em pastagem plantada com novas espécies, poupando expressiva quantidade de terras; também não pôde prever a forte substituição, no agro paulista, de culturas de menor retorno econômico por outras mais capitalistas. Embora não desconhecesse o fenômeno da especulação com terras, não o considerou relevante em sua proposta de *retorno* ao espaço paulista.

Gonçalves e Souza reportam-se ao trabalho de Paiva e o atualizam, aprofundando a análise econômica e incluindo as modificações advindas com o novo crédito rural, com o sistema de incentivos à exportação e com os grandes investimentos públicos na fronteira agrícola, que valorizam as terras e aumentam a especulação e o ganho não produtivo. Assim, concluem – como concluo mais abaixo, quando atualizo a análise de Furtado para o período pós-1970 – que a

²⁷ Por justiça, lembremos que provavelmente foi Normano (1939, cap. 1; a 1ª ed. em inglês é de 1935, nos EUA) quem primeiro usou a expressão *deslocamento da fronteira*, que entendia como “(...) a incorporação do território existente à vida econômica da nação (...)”. Contudo, e a despeito de sua visão social crítica sobre o Brasil e da existência de um *dualismo* (regiões mais atrasadas e outras mais desenvolvidas), não parece perceber os fenômenos cruciais apontados por Furtado.

causa da *itinerância* dessa agricultura, no período recente, não foi a manutenção do atraso do setor e, sim, esse conjunto de novos expedientes.

Assim, a expansão da fronteira agrícola a partir da década de 1970, com a *modernização conservadora*, já não se dava apenas em busca de terra virgem e pelo baixo nível de progresso técnico da agricultura migrante, embora continuasse a reproduzir e usar o trabalho barato.²⁸ Pelo contrário, nunca a maquinização e a quimificação foram tão intensas, seja nas zonas velhas ou nas pioneiras. Por exemplo, o número de tratores entre 1970 e 1995 simplesmente quintuplicou para o conjunto do País e para o Sul (este absorvendo 42% do aumento total), aumentou 160% em São Paulo (absorveu 16%), foi nove vezes maior no Nordeste e em Minas Gerais e 12 vezes maior na *fronteira* (Centro-Oeste e Norte). A quantidade de arados de tração animal, ainda incipiente no Norte e no Nordeste, aumenta nestas duas regiões, respectivamente, de quase 200 para 9,2 mil e de 123 mil para 309 mil, diminuindo fortemente nas demais regiões, substituídos por equipamentos mais modernos. Com efeito, a quantidade de arados de tração mecânica quase quadruplica no Brasil, crescendo 15 vezes no Norte, oito vezes no Centro-Oeste, 5,5 vezes no Nordeste e em Minas Gerais, 4,6 vezes no Sul e 84% em São Paulo.

Frise-se, contudo, que a modernização ainda se limitou mais a essas máquinas e muito pouco ainda às de colheita – as colhedeiças aumentaram apenas 24% no Brasil, e dois terços do aumento se concentraram na *fronteira*. Ainda assim, essa intensificação de progresso técnico foi mais presente entre 1970 e meados da década de 1980, do que na década de 1990.

As estatísticas comprovam que, entre 1970 e 1999, a modernização conservadora conseguiu elevar os rendimentos físicos das principais culturas (de novo, notadamente das exportáveis e das passíveis de maior capitalização, como as do arroz e do feijão irrigados, algodão, café, laranja, milho híbrido, trigo e uva), dessa vez reconvertendo, inclusive, o uso de grande parte das pastagens naturais de baixa eficiência. Os deslocamentos geográficos de produtos, dessa vez, incluíram também produtos exportáveis, cana-de-açúcar e milho, em busca de maiores extensões de terra, a preços mais baixos e, portanto, com renda maior.

Para o total do Brasil, o PIB agrícola aumentou 59% na década de 1970, 37% na de 1980 e 23% nos anos 1990, com aumento acumulado de 168%, enquanto

²⁸ A partir de meados da década de 1980, a política de verdadeira *permissividade* para com a atividade de extração de madeira na Amazônia “substitui” a cultura exportadora no processo de itinerância, depredando a mata que, em seguida será ocupada pela pecuária ou pela subsistência. Esta informação foi dada por Guilherme Dias, em recente seminário de que participamos no BNDES.

a área agrícola total cresceu apenas cerca de 25% e a de lavouras, 37%. No mesmo período, a expansão da área de lavouras teve comportamento regional muito diferenciado: cresceu 236% na *fronteira* (Norte mais Centro-Oeste), significando 59,3% do aumento total do País; 27% no Sul; 18% em São Paulo; 5% em Minas Gerais e 9% no Nordeste.

Contudo, a expansão de área foi relativamente contida entre o final da década de 1980 e o fim dos anos 1990, salvo na *fronteira*, onde ainda teve alguma expansão. Isso se deve a vários fatores, como efeitos da política de abertura comercial, aumento de rendimento físico e substituição de cultivos (alguns com enorme redução física da produção, como trigo e algodão), que *pouparam* terra entre fins das décadas de 1980 e de 1990.²⁹

Em São Paulo, por exemplo, na década de 1970 houve larga substituição de culturas, liberando 3,5 milhões de hectares, como, principalmente, arroz de sequeiro e pastagens naturais, que cederam, respectivamente, 298 mil e 2,1 milhões de hectares, substituídas principalmente por pastagens artificiais (1.375 mil), cana-de-açúcar (655 mil) e soja (487 mil).³⁰ Na década de 1980, mais 2,3 milhões de hectares sofreram substituição: o principal perdedor foi, de novo, a pastagem natural (2 milhões) e os principais ganhadores, as pastagens cultivadas, cana-de-açúcar, soja/trigo e feijão irrigado.

Entretanto, a reconversão do uso de terras nas *fronteiras internas*, principalmente em São Paulo e no Sul do País não evitou que, entre 1970 e 1999, a área de lavouras triplicasse no Centro-Oeste e na Amazônia, quintuplicando, nesta última, a área de pastagem. Grande parte dessa migração da atividade agrícola pode ser considerada irracional, dado que o problema não é o da falta de terra apta para o cultivo nas regiões antes consolidadas. Essa itinerância, além dos males já citados, causa ainda enorme esforço de inversão pública pela necessária realização de nova infraestrutura física, além de considerável aumento de custos de transporte.

Ocorre, porém, que no que se refere à inversão privada, ela é *barateada*, seja porque o preço da terra na *fronteira* é baixo, seja porque, com a apropriação dessa terra, legalizada em cartório, o acesso a linhas preferenciais de crédito (na maior parte dos casos, com subsídio) é maior, assim como também possibilita

²⁹ Tomando-se as médias trienais de 1987-1989 e 1997-1999, a área de lavouras diminui 4,8% no Brasil, 9,3% no Nordeste, 8,4% no Sudeste (5,7% em São Paulo e 12,3% em Minas Gerais) e 12,5% no Sul. Só aumentou na *fronteira* (Centro-Oeste mais Norte) (12,7%).

³⁰ Esses dados compõem a análise sobre a substituição de produtos e de áreas em São Paulo, nas décadas de 1970 e 1980, feita por Igreja e Pires de Camargo (1992).

verdadeiras negociatas com incentivos fiscais regionais, como mostrou recentemente a imprensa, nos casos da Amazônia e do Nordeste.

Em termos demográficos e sociais, a atração e reprodução do *trabalho barato* não só continuou, mas se intensificou. Os fluxos migratórios acumulados saltaram de 11,2 milhões em 1970 para 21,4 milhões de pessoas em 1995, números que, respectivamente, representam 12% e 13,7% da população do País naqueles anos. Do total (em milhões de pessoas emigradas), as do Nordeste eram oito, de Minas Gerais 4,2, de São Paulo dois, do Paraná 1,8 e os gaúchos, um. A “acomodação” urbana, entre 1970 e 1995, deu guarida a mais 4.685 mil imigrantes em São Paulo, a mais 467 mil em Brasília e mais 316 mil no Rio de Janeiro. A *fronteira* (Centro-Oeste mais Norte) proporcionou uma “acomodação” (rural e urbana) a mais 2.907 mil imigrantes.³¹

Finalizando, torno a lembrar que é por meio da ação do Estado, distribuindo as benesses geradas por esses expedientes, que as elites agrárias brasileiras – no atraso ou na modernização, em São Paulo ou na periferia – perpetuam seus ganhos especulativos e seu poder político e econômico calcado na propriedade fundiária e na exploração de um exército de miseráveis trabalhadores rurais. Hoje, fazem avançar ainda mais sua “modernidade”, expandindo a *fronteira itinerante* e, com isso, ampliando sua inserção externa, não tanto para dinamizar suas exportações, mas, principalmente, para usufruir dos excelentes negócios e negociatas propiciados pela desregulamentação do câmbio e da livre entrada e saída de capitais do País.

Referências

Livros

ALBUQUERQUE, R.C.; CAVALCANTI, C.V. *Desenvolvimento regional no Brasil*. Brasília: Ipea, 1976.

CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 4ª ed. Campinas: UNICAMP/Instituto de Economia, 1998a.

_____. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial em São Paulo*. 2ª ed. Campinas: UNICAMP/Instituto de Economia, 1998b.

CARVALHO, O. *A economia política do Nordeste*. Brasília: Ed. Campus, 1988.

CARVALHO FRANCO, M.S. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: IEB-USP, 1969.

³¹ Para uma análise do processo migratório no período ver Cano (1998 B, capítulo 6).

CASTRO, A.B. *Sete ensaios sobre a economia brasileira*. Rio de Janeiro: Forense, 1969, v.1.

DELGADO, G. *Capital financeiro e agricultura*. São Paulo: Hucitec, 1986.

FURTADO, C. *A Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.

_____. *Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*. 2ªed. GTDN – Grupo de trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste. Recife: Ministério do Interior/Sudene, 1967. (Texto não assinado pelo autor, mas de autoria confessa).

_____. *Formação econômica do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

_____. *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

_____. *Análise do 'modelo' brasileiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. *A fantasia desfeita*. 3ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *O longo amanhecer*. Paz e Terra. São Paulo-Rio de Janeiro, 1999.

GONÇALVES, J.S. *Mudar para manter*. Pseudomorfose da agricultura brasileira. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Secretaria de Agricultura e Abastecimento, 1999.

_____. *Agricultura brasileira: desafios ao fortalecimento de um setor fundamental*. *Série Discussão APTA 1*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Secretaria de Agricultura e Abastecimento, 2000.

GOODMAN, D.E.; ALBUQUERQUE, R. *Incentivos à industrialização e desenvolvimento do Nordeste*. Rio de Janeiro: Ipea, Inpes, 1974.

GRAZIANO, J.F. *A porteira já está fechando? Ensaios de Opinião*. Vol.11. Rio de Janeiro, 1979.

GUIMARÃES, L. *Evolução do setor externo nordestino*. Recife: Sudene, 1965.

_____. *Introdução à formação econômica do Nordeste*. Recife: Ed. Massangana, 1989.

HIRSCHMAN, A.O. *Política econômica na América Latina*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965.

IGREJA, A.C.M.; PIRES DE CAMARGO, A.M.M. *A agropecuária paulista*. In: CANO, W. (coord.). *São Paulo no limiar do século XXI*. São Paulo: Fundação Seade, 1992, vol. 2.

MOREIRA, R. *O Nordeste brasileiro: uma política regional de industrialização*.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

NORMANO, J.F. Evolução Econômica do Brasil. *Coleção Brasileira*. Vol. 152. São Paulo: C. Ed. Nacional, 1939.

PAIVA, R.M.; SCHATAN, S.; FREITAS, C.F.T. *Setor agrícola do Brasil*. São Paulo: IEA, 1973.

TAVARES, M.C. (org.) *Celso Furtado e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Periódicos

GONÇALVES, J.S.; SOUZA, S.A.M. Modernização da produção agropecuária brasileira e o velho dilema da superação da agricultura itinerante. *In: Informações Econômicas*. Vol. 28, n°. 4, 4/1998. São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1998.

KAGEYAMA, A. A questão agrária brasileira: interpretações clássicas. *In: Reforma Agrária*, n°. 3. Vol. 23, set/dez1993. Campinas: Abra, 1993.

PAIVA, R.M. Retorno da agricultura de S. Paulo para as zonas velhas: fator imprescindível para o desenvolvimento econômico do País. *In: Agricultura em São Paulo*. Vol. 7, n°. 9, 9/1960. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1960.

PREBISCH, R. El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas. *In: Boletín Económico de América Latina*. Vol. 7, set. 1962. Santiago, 1962.

Documentos mimeografados

ARAÚJO, T.B. *La division interregionale du travail au Brésil et l'exemple du Nord-Est*. Paris: Université de Paris, 1979. Mimeo.

PINTO, A.; KŇAKAL, J. *El sistema centro-periferia 20 años después*. Santiago: Cepal, 1971. Mimeo.